

**A PRESENTE RECODIFICAÇÃO DO PASSADO EM A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS**

Resenha: MÃE, Valter Hugo. *a máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Shirley de Souza Gomes Carreira<sup>1</sup>

A dialética entre memória e esquecimento tem perpassado com bastante frequência a ficção do século XXI, tendência esta que já havia se firmado na última metade do século XX. Para Hyussen, essa emergência da memória “caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX” (HUYSEN, 2000, p. 9).

A feição memorialística da ficção que se debruça sobre a história traz à baila algumas questões que voltam à arena das discussões sobre eventos traumáticos e a forma pelas quais aqueles que os experimentaram lidam com as lembranças.

*a máquina de fazer espanhóis*<sup>2</sup>, de Valter Hugo Mãe, é uma dessas obras capazes de conciliar ficção e história de tal forma que, para além do encantamento com a técnica narrativa e da fruição da palavra, desperta no leitor o interesse pelos eventos históricos que servem de *background* à história narrada. Pode-se dizer que o romance, ao produzir uma “presente recodificação do passado”, conforme expressão de Huyssen, volteia pelo impacto do salazarismo na identidade nacional, revisitando o

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada (UFRJ), Pós-Doutora em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ), docente do Curso de Letras, coordenadora do Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória e Identidade da UNIABEU, fomentado pela FAPERJ, e membro do Grupo de Pesquisa “Poéticas do Contemporâneo”, cadastrado no CNPq.

<sup>2</sup> O autor, à época da escrita do romance, utilizava apenas minúsculas, inclusive em seu próprio nome.

aparelho repressor do estado e os modos de manipulação midiática que deram sustentação ao período ditatorial.

Lançado em Portugal em 2010, o romance tem como narrador-personagem um senhor octogenário, António Silva, que, após a morte da esposa, sua companheira por 54 anos, é posto em um asilo pela própria filha, o que lhe desperta insegurança e rancor. Nessa nova morada, em contato com outros idosos, Silva se vê confrontado com o passado e com acontecimentos que preferia esquecer.

Segundo Carreira ( 2012, p;268),

No âmbito da memória individual, o esquecimento, por vezes, parece ser utilizado como uma estratégia de sobrevivência. Michel Pollak, no texto “Memória, esquecimento, silêncio” (1989), chamou atenção para os processos de dominação e submissão das diferentes versões e memórias, apontando para a clivagem entre a memória oficial e dominante e “memórias subterrâneas”, marcadas pelo silêncio, pelo não dito, pelo ressentimento, pelas lembranças proibidas.

A memória e o esquecimento são utilizados como instrumento de poder por governos diversos para obter controle político sobre forças antagônicas. São esses governos que decidem o que esquecer e o que lembrar.

Ao escrever o romance, Mãe se insurge contra uma perigosa política de esquecimento, segundo ele, resquício do regime ditatorial:

O esquecimento entra muito no contexto da memória política, das memórias que temos de Salazar. Muitas coisas estarão a voltar porque as pessoas não se lembram de como foi. Uma das coisas mais perigosas numa sociedade tem que ver com reincidir em erros historicamente assimilados, atrocidades tremendas que a história ostenta, mas o povo esquece e comete de novo.<sup>3</sup>

Escrito em 22 capítulos curtos, com títulos que brevemente anunciam o seu conteúdo, e pelo viés do discurso memorialístico ficcional, *a máquina de fazer espanhóis* evolui do âmbito da memória individual para o da memória coletiva, e Silva revisita não apenas os mecanismos de repressão inerentes ao Estado Novo, como a

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,as-vantagens-e-os-perigos-do-esquecimento,742109,0.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2011.

temida PIDE<sup>4</sup>, ou seja, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado, e a censura, mas também o uso midiático das influentes figuras nacionais e o papel da Igreja que, de uma forma ou outra, absteve-se de confrontar o Estado diante das atrocidades cometidas durante a ditadura, aliando-se a ele.

O confronto entre presente e passado dá-se já nas primeiras páginas do romance, quando os dois Silvas são apresentados ao leitor: António, metáfora do homem comum, com uma trajetória de vida que evoca o período Salazarista, revestido de coerção e medo, e Cristiano, o Silva da Europa, que vê na União Europeia o lenitivo para todas as mazelas do país.

No capítulo intitulado “herdar Portugal”, o narrador discorre sobre a mitificação do clube de futebol Benfica, a resgatar a autoestima de uma nação carente de acreditar em si mesma. Durante o regime que manteve o povo português sob controle durante quase cinquenta anos (1926-1974), poucas emoções podiam ser demonstradas publicamente; entre elas a rivalidade entre os times de futebol, a aclamação patriótica e o fervor religioso.

Em “a promoção da beleza de ser pobrezinho”, o narrador evidencia a manipulação da opinião pública de modo a torná-la inoperante:

[...] parecíamos um grande cenário de legos, pobrezinhos mas tão lavadinhos por dentro e por fora, a obedecer. divirtam-se, gentes da minha terra, não é desgraça ser pobre, punha-se a amália a dizer, e que numa casa portuguesa há pão e vinho e um conforto pobrezinho e fartura de carinho. (MÃE, 2010, p. 156)

Em suas entrevistas, Mãe é enfático quanto à necessidade de “aprender com a história”, o que se pode observar também na fala do narrador:

[...] sabe, senhor silva, é preciso que se suje o nome de salazar para todo o sempre, é preciso que o futuro lhe reserve sempre a merda para seu significado, para que os povos se recordem como foi que um dia um homem só quis ser dono das liberdades humanas, para que nunca mais volte a acontecer que alguém se suponha pai de tanta gente. este tem de ser um nome de vergonha. o nome de um porco, para que ninguém, para a esquerda ou para a

---

<sup>4</sup> A PIDE foi criada em outubro de 1945 - em substituição da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado - sendo considerada como um organismo autônomo da Polícia Judiciária, mas, na realidade, constituiu um prolongamento da PVDE.

direita, volte a inventar a censura e persiga os homens que têm por natureza o direito de serem livres. e eu respondia-lhe, cala-te, miúdo, ainda me arranjas umas férias nos calabouços. fica calado. [...] mas adoraria sentir coragem para me pôr ali aos berros também, mesmo exagerando, mesmo que dizendo parvoíces só pelo prazer de as poder dizer, de poder ajuizar por mim o que quisesse ajuizar. na minha barbearia. ao menos na minha barbearia. ao menos na minha casa. na minha casa e com a minha boca livre. é um porco. (MÃE, 2010, p. 160).

No entanto, essa é uma revolta que surge muito tempo depois do fim do regime e denuncia o que o narrador passara a vida a tentar esquecer: “não contara a ninguém a história do rapaz, nem a Laura percebeu como me pus de bom pai de família entregando-o á polícia. Ninguém soubera do quanto me amedrontei [...] que cagão de homem eu fui [...]. Não é por acaso que esta passagem está em um capítulo intitulado “memória seletiva”, pois a seletividade ocorre em função das preocupações pessoais e políticas do momento.

Ao longo de seus capítulos, *a máquina de fazer espanhóis* reflete sobre o passado traumático e o desencantamento do presente, metaforizado na imagem das mulheres portuguesas a fazerem filhos que gostariam de ter nascido em Espanha, para terem melhores salários e mais dignidade e não a sensação de perda, de derrota que as personagens partilham: “esta coisa quase a tombar ao mar” (p.185).

António Silva, em um universo ficcional povoado por Silvas, ou seja, por homens comuns, personifica o drama nacional da perda – dos tempos áureos, do poder econômico, da própria identidade. Com o narrador, o povo português partilha contemporaneamente a sensação de angústia. Lembrar é doloroso, porém necessário, pois, assim como Mãe faz questão de enfatizar, “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores dos mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 1994, p.426).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARREIRA, Shirley de S. G. O mundo em minúsculas: uma leitura de *a máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo mãe. *Letras*, Santa Maria, v. 22, n. 45, p. 265-275, jul./dez. 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

MÃE, Valter Hugo. *a máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MENESES, Filipe R. *Salazar: biografia definitiva*. São Paulo: Leya, 2011.

Recebido em 07 de novembro de 2015.

Aceito em 30 de novembro de 2015.